O papel de bisavó na percepção de mulheres idosas

Cristina Maria de Souza Brito Dias*
Virgínia Cavalcanti Pinto**

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como bisavós, institucionalizadas e não institucionalizadas, percebem esse papel e se relacionam com os bisnetos. Participaram do mesmo 21 bisavós, sendo 10 não institucionalizadas, com média de idade de 75 anos, e 11 institucionalizadas, com média de idade de 82 anos, as quais foram entrevistadas em suas residências. Especificamente, foram objeto de estudo as seguintes dimensões: significado e sentimentos experimentados no papel; diferenças percebidas entre os papéis de mãe e avó, bem como entre o de avó e bisavó; ajuda prestada à família; dificuldades sentidas no relacionamento com os bisnetos; avaliação do relacionamento; atividades desenvolvidas; frequência do contato com os mesmos; percepção das mudanças ao longo do tempo e significado de família. Pode-se constatar que o papel foi percebido de forma bastante positiva pelos dois grupos, mas o grupo de bisavós institucionalizadas demonstrou possuir maior dificuldade no contato com os bisnetos. Esse resultado pode ser atribuído às dificuldades de relacionamento com os familiares, à distância geográfica e à situação econômica desfavorável por parte de algumas delas.

Palavras-chave: bisavós, quarta-geração, interação familiar, institucionalização.

THE ROLE OF GREAT-GRANDPARENT IN THE PERCEPTION OF ELDERLY WOMEN

Abstract

The general aim of this research paper is to investigate how great-grandmothers, whether they are institutionalized or not, perceive their role and relate to their great-grandchildren. 21 great-grandmothers took part in the survey, of whom 10, with an average age of 75, were not

* Professora doutora do Departamento de Psicologia da UNICAP. Email: cristinabrito@argentina.com

** Bolsista PIBIC/UNICAP. Atualmente aluna do mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP.

institutionalized and 11, whose average age was 82, were. They were interviewed in their residences. The following aspects were specific objectives of the study: meaning and feelings experienced in this role; perceived differences between the roles of mother and grand-mother, as well as that between grandmother and great-grandmother; help rendered to the family; difficulties felt in the relationship with great-grandchildren; evaluation of relationships; activities undertaken; frequency of contact with these; perception of the changes over time and significance of the family. It can be claimed that the role was perceived in a rather positive way by the two groups, but the group of institutionalized great-grandmothers showed they had more difficulty in contact with their great-grandchildren. This result can be attributed to the difficulties in relationships with family members, geographical distance and the unfavourable economic situation in which some great-grandmothers find themselves.

Key-words: great-grandmothers, fourth generation, family interaction, institutionalization.

Dentre as mudanças sociais que afetaram a família, como a participação da mulher no mercado de trabalho, a liberdade sexual, o crescente número de divórcios e recasamentos, entre outras, destacamos as mudanças demográficas, que fizeram aumentar as famílias com três ou mais gerações.

Estas compreendem a maior longevidade humana, a diminuição do tamanho das famílias e a maior expectativa de vida da mulher, que, por sua vez, acarretaram maior complexidade nos laços familiares, relacionamentos mais duradouros, acúmulo de experiências e mudanças de papel entre os membros da família (HAGESTAD, 1987).

No Brasil, temos acompanhado a literatura enfocando os avós, que tem sido crescente (ATALLA, 1996; ARAÚJO, SILVA, DIAS, 1998; ARAÚJO, DIAS, 2002; BARROS, 1987; DIAS, 1983, 1994, 2002, 2003; DIAS, SILVA, DIAS, 1999; DIAS, SILVA, 1999, 2001, 2003; DIAS, VIANA; ARAÚJO, 2003; OLIVEIRA, 1993; PEIXOTO, 2000; SILVA, DIAS,

1999), no entanto, ainda são escassos os estudos enfocando a quarta geração.

Segundo Moragas (1997), os laços geracionais que antigamente se reduziam a, no máximo, três gerações, agora chegam a quatro ou cinco. Para o autor, é inútil extrapolar o papel dos idosos no passado para o presente visto que nem quantitativamente, nem qualitativamente, eles se assemelham. É necessário, então, realizar pesquisas, análises da realidade e esforço intelectual que correspondam às necessidades e condições da sociedade contemporânea. Os bisavós do presente são semelhantes aos avós de ontem, assim como os avós de hoje se assemelham aos pais do passado.

Algumas investigações têm revelado que pessoas que conviveram com seus avós e bisavós desenvolvem atitudes mais favoráveis com os idosos, de maneira geral; os bisavós expressam apreciação pelo interesse que a família demonstra por eles, mas não desejam responsabilizar-se pela criação dos bisnetos; o relacionamento com os bisnetos pode ser problemático devido à grande diferença entre as gerações. Especificamente duas pesquisas, realizadas com bisavós, constataram que o significado do papel foi, predominantemente, positivo para a maioria, tendo sido destacados três aspectos: renovação pessoal e familiar, um marco de longevidade, diversão/prazer. As bisavós não encontraram muita diferença entre esse papel e o de avós, embora haja um maior distanciamento entre elas e os bisnetos devido a questões como a distância geográfica, a necessidade da mediação da segunda e terceira gerações, assim como os problemas físicos decorrentes da idade. O papel de bisavó foi considerado mais importante do ponto de vista simbólico e emocional, do que social e instrumental (WENTOWSKI, 1985; DOKA; MERTZ, 1988).

Na pesquisa de Wentoswki (1985), foram entrevistadas 19 mulheres com idades entre 66 e 92 anos e média de 82 anos, sendo que 13 moravam em uma comunidade para idosos e 6 moravam em suas próprias casas. Elas assinalaram que as visitas eram a forma que tinham de conhecer e acompanhar os bisnetos, dando-lhes a oportunidade de brincar e trocar afeto com eles. As bisavós institucionalizadas mostraram maior insatisfação com a frequência e duração das visitas, mas, por outro lado, algumas frisaram que muitas horas em contato com os bisnetos as desgastavam. Uma responsabilidade que elas levavam a sério era presentear os bisnetos nos aniversários e nas férias. Elas não tinham grandes expectativas acerca dos familiares, a não ser ter sempre notícias deles e serem respeitadas. O papel foi visto com um misto de alegria, porque o nascimento de bisnetos é sinal de sucesso e vitalidade na família, mas, por outro lado, é sinal de sua idade avançada e finitude.

A outra pesquisa, realizada por Doka e Mertz (1988), focalizou 35 mulheres e 5 homens, com idades entre 71 e 90 anos e média de 80, os quais foram entrevistados em suas residências ou num centro de atendimento a idosos. Os autores constataram que os bisavós mais jovens e provenientes de famílias mais unidas tenderam a adotar um estilo mais *próximo* aos bisnetos, o qual se caracterizou por maior frequência de visitas, saídas para compras ou viagens juntos, assim como participação em momentos de esporte e lazer. A maioria, no entanto (65%), adotou o estilo *remoto/distante* no relacionamento com os bisnetos. Apesar disso, o papel de bisavós goza de um status especial na família. Constatou-se também que, embora os bisavós tenham enfrentado crises em suas famílias, eles se adaptaram às novas circunstâncias e procuraram ajudar no que foi possível.

Diante do que foi exposto, fica evidente que, assim como ocorre com os avós, há diversas variáveis que podem interferir no relacionamento estabelecido entre os bisavós e os bisnetos como: sexo, idade, classe social, condições de moradia e de saúde, características pessoais e familiares, ordem de nascimento do bisneto e idade do mesmo (DIAS; SILVA, 1999).

O objetivo do presente estudo, portanto, é investigar como as bisavós, vivendo em suas próprias casas ou em instituições para idosos, percebem seu papel e interagem com os familiares, especialmente, os bisnetos. Acredita-se que este trabalho possa contribuir com a literatura sobre o papel do idoso na família, bem como fornecer subsídios para os profissionais que trabalham com casais, famílias e idosos.

Método

Participantes

Fizeram parte do estudo 21 bisavós, as quais foram divididas em dois grupos: 1) *avós institucionalizadas* (11): esse grupo apresentou idade variando entre 71 e 92 anos, com média de 82. Todas eram viúvas, católicas e residiam em abrigos de idosos caracterizados por serem de padrão socioeconômico médio ou baixo; 2) *avós não institucionalizadas* (10): esse grupo se encontrava na faixa etária entre 61 e 87 anos, com média de 75 anos. Dessas, 6 eram viúvas e 4 casadas, sendo 8 católicas e 2 espíritas. Todas residiam com familiares ou agregados.

A maioria das bisavós foi dona de casa, havendo algumas que trabalharam fora do âmbito doméstico como comerciária (2), costureira (1), operária (1), agricultora (3).

O nível de escolaridade mais elevado corresponde ao Ensino Médio, havendo mulheres analfabetas. Nenhuma possuía problema grave de saúde, a não ser as doenças comuns à idade.

Instrumento

Foi realizada uma entrevista semidirigida, contendo as questões de interesse do estudo, bem como os dados sociodemográficos. Especificamente foram investigados: o significado do papel e os sentimentos experimentados no mesmo; as diferenças percebidas entre ser mãe e avó, bem como entre ser avó e bisavó; a ajuda prestada à família; as dificuldades percebidas no relacionamento com os bisnetos; a avaliação do relacionamento com os familiares; as atividades realizadas com os bisnetos; a frequência do contato; a percepção das mudanças ocorridas ao longo do tempo e o significado da família.

Procedimento

As bisavós foram contactadas através de pessoas que as conheciam, bem como através de visitas a instituições para idosos. Elas foram entrevistadas individualmente, tendo a entrevista durado, em média, uma hora, sendo anotadas pela pesquisadora.

Apresentação dos dados

Estes serão apresentados pelas dimensões focalizadas e, na medida do possível, serão feitas considerações entre os dois grupos investigados.

Significado do papel e sentimentos experimentados no mesmo: essas duas dimensões foram bastante relacionadas na fala das bisavós, motivo pelo qual serão tratadas em conjunto. Tanto o grupo de bisavós institucionalizadas como o de não-institucionalizadas relataram sentirem-se importantes e orgulhosas de terem vivido tanto e chegado a verem os bisnetos. O significado mistura-se com os sentimentos, os quais são positivos: amor, prazer, gratidão a Deus, alegria, cuidado, continuidade.

“Sinto muita alegria porque consigo ver minha família se prolongar cada vez mais. É muita felicidade que eu sinto porque, mesmo com a idade chegando, eu tenho a sensação do dever cumprido” (Bisavó institucionalizada, 82 anos).

Houve uma bisavó que caracterizou o papel como uma duplicação do amor: *“A gente quer mais bem aos netos do que aos filhos, é um bem dobrado. Com os bisnetos também. A gente vai dobrando o amor.”* (Bisavó institucionalizada, 92 anos, possui, inclusive, 5 tetranetos).

Diferenças entre os papéis: embora a maioria não tenha assinalado diferenças marcantes entre os papéis de mãe e avó, houve aquelas que apontaram que a mãe tem mais cuidado e responsabilidade, que a ela cabe a tarefa de educar e cuidar, enquanto à avó cabe respeitar os limites impostos pelos pais, podendo também mimar e estragar os netos.

“A mãe pode tudo com os filhos. Com o neto, a medida termina onde a dos pais chega porque, de geração em geração, cada um tem seu sistema. Eu não posso criar do jeito que fui criada, cada um tem o seu modo e não sou eu quem vai dizer se está certo ou errado. A gente fica na da gente, sabendo se está certo ou não, mas não vai criar caso com ninguém” (Bisavó não institucionalizada, 73 anos).

“Quando se é mãe a gente é mais dura com os filhos, mas, quando é avó, estraga os netos. Avó e bisavó não têm diferença, a felicidade só aumenta” (Bisavó institucionalizada, 70 anos).

Já os limites entre os papéis de avó e bisavó são mais tênues, tendo sido assinalada apenas a idade como a diferença entre ambos: “*Com os bisnetos é uma coisinha quase fora de faixa, aí a gente acha que gosta mais, a gente estraga*” (Bisavó não institucionalizada, 74 anos).

Ajuda prestada à família: as bisavós não institucionalizadas pontuaram que ajudam os familiares, tanto em termos financeiros como afetivos (conselhos, orações, conversas): “*Ajudo financeiramente no que posso. Dou palavra para os netos, mas não tomo o lugar do pai nem da mãe*” (Bisavó não institucionalizada).

“*Financeiramente, eles não precisam, mas sempre conversamos e dou conselhos*” (Bisavó institucionalizada).

No grupo de bisavós institucionalizadas, a ajuda se caracteriza mais como do tipo emocional (conversar, rezar), tendo elas alegado as dificuldades financeiras e a distância geográfica como impedimento para uma aproximação maior com os familiares. Apenas uma bisavó institucionalizada assinalou a velhice como impedimento para lhe confiarem os bisnetos: “*Todos acham que sou velha e não me confiam os bisnetos (risos)*” (Bisavó institucionalizada, 61 anos).

Embora a maioria das bisavós tenha dito não exercer um papel explícito de autoridade junto à família, preferindo dar amor, conversar e apoiar os familiares, houve uma que fez questão de afirmar sua posição de autoridade, no ambiente doméstico, ao dizer: “*Meu marido manda da porta para a rua, aqui em minha casa quem manda sou eu (risos), mas é claro que nós combinamos tudo*” (Bisavó não institucionalizada, 78 anos).

Dificuldades apontadas no relacionamento com os bisnetos: as bisavós não institucionalizadas não apontaram dificuldades no relacionamento com os bisnetos porque, mesmo que elas não os visitem, os filhos e netos sempre telefonam ou os levam para elas vê-los. O mesmo não pode se dizer das bisavós institucionalizadas que apontaram dificuldades de ordem econômica e de relacionamento, bem como a distância geográfica, as quais dificultam um maior contato com os bisnetos.

Avaliação do relacionamento com os familiares: as bisavós não institucionalizadas demonstraram possuir um bom relacionamento com os familiares adotando expressões como: *“Eu não tenho um que me dê desgosto”*; *“Eu me dou bem com todos e eles me respeitam”*. No entanto, entre as bisavós institucionalizadas, embora houvesse aquelas que referiram possuir um bom relacionamento, outras deixaram transparecer a mágoa e a solidão em que viviam por causa do pouco contato com eles. Uma delas lamentou a falta de condições para ajudá-los: *“Eu não tenho o que falar, só de minha tristeza em não poder ajudá-los.”* (Bisavó institucionalizada, 79 anos).

É importante assinalar que algumas dessas mulheres quiseram morar no abrigo, enquanto outras foram levadas pelos familiares alegando que lá elas teriam segurança, companhia e que eles não podiam cuidar delas. Uma fora, inclusive, conduzida para lá, pensando que ia ao médico.

Atividades realizadas com os bisnetos: algumas bisavós, de ambos os grupos, desenvolvem alguma atividade com os bisnetos como pegar no colo, ficar com eles, brincar, passear, ir a festinhas de colégio ou aniversários. Outras, no entanto, alegaram a pouca idade dos bisnetos, sua própria dependência ou o cansaço como motivos para

não interagirem com eles. Uma fala ilustra o envolvimento que pode caracterizar a relação bisavós-bisnetos:

“Bem, a gente joga dominó, baralho, sempre quando ele vem para cá. A gente vai ao supermercado comprar o que ele gosta de comer. A gente se dá muito bem. Até soltamos fogos no São João. Ele se abraça comigo e saímos por aí, uma velha e um menino (risos)”. (Bisavó não institucionalizada, 75 anos).

Acerca da forma como os bisnetos as denominam algumas disseram ser “Bisa” ou “Bivó”.

Freqüência do contato: esse aspecto está relacionado com as dificuldades apontadas no relacionamento com os familiares. Há bisavós que veem os bisnetos semanalmente, outras quinzenalmente, e outras não precisaram uma freqüência, preferindo dizer “*sempre os trazem para eu ver*”. Apenas uma bisavó vê os bisnetos todos os dias porque são vizinhos dela. É interessante notar que esta questão está relacionada à preferência por um dos filhos ou netos, porque é comum que o(a) filho(a) ou neto(a) preferido(a) as visite com mais assiduidade e leve os bisnetos também.

“Minhas filhas dizem que eu tenho preferência pelo meu filho, mas não é não. Eu tenho mais cuidado com aquele que possa acontecer alguma coisa. Agora, o filho do meu filho, que tem catorze anos, me telefona todos os dias. Ele sempre quer saber se eu estou bem, me conta as coisas que ele fez, seus passeios, todo dia ele faz isso.” (Bisavó não institucionalizada, 84 anos).

No grupo das institucionalizadas, a metade delas não vê os bisnetos com freqüência.

Percepção das mudanças que ocorreram com a família ao longo do tempo: acerca dessa questão, as bisavós dos dois grupos mostraram aceitar com conforma-

ção e naturalidade as mudanças observadas na família e na sociedade, usando expressões como: “*Tudo passa*”, “*Acho natural*”, “*Percebo tudo como Deus quer*”. No entanto, algumas fizeram questão de frisar as mudanças de costumes e assinalar sua discordância:

“Casamento antigamente era até a morte, unidos para sempre. Hoje tudo mudou. Hoje eu tenho filho separado e casado outra vez, mas não acho que seja certo. Mas o mundo que está aí é muito diferente do mundo que eu vivi. Hoje a mulher tem o seu dinheiro e antigamente não. Eu casei sabendo que era para obedecer ao marido e pronto. Vivi 36 anos de casada e fui muito feliz, graças a Deus. Eu não vivi as coisas ruins do casamento porque ele, mesmo sendo homem, também não fazia. O respeito era muito grande, porque quando a gente é educada para o certo, as coisas ruins não acontecem” (Bisavó não institucionalizada, 78 anos).

“Hoje o que tem de gente morrendo. Eu subo num ônibus e fico olhando 10 idosos subirem para 2 novos. Estão acabando com a mocidade, não é? Drogas, vício, fumar, beber. Eu não tenho o que dizer dos meus filhos, mas quando a cabeça não pensa, o corpo é quem padece” (Bisavó não institucionalizada, 74 anos).

“Eu acho que tem muita coisa errada, os filhos não ouvem mais os pais e muita coisa fica fora de lugar. Deus disse que era para honrar pai e mãe, está lá no mandamento, mas hoje não tem mais isso” (Bisavó institucionalizada, 88 anos).

Houve uma que mostrou ter consciência que algumas coisas são escondidas pelos familiares para não lhe causarem preocupações:

“De certas coisas a gente sente alegria, outras a gente fica triste e eles me escondem muita coisa porque eles sabem que eu fico preocupada. Sempre tiveram mudanças boas e ruins, mas vai se levando” (Bisavó não institucionalizada, 84 anos).

É interessante assinalar ainda que algumas viram as mudanças como fonte de crescimento e parte natural do desenvolvimento: *“Percebo como uma maneira de evoluir na vida, mesmo tendo que passar por momentos bons ou ruins”* (Bisavó institucionalizada, 70 anos).

“Percebo normalmente pois, minha filha, na vida você pode começar a observar que não existe felicidade absoluta. A vida é sempre feita de altos e baixos e a gente aprende com isso” (Bisavó não institucionalizada, 78 anos).

“Vejo tudo muito naturalmente porque eu sempre vivi muito bem todas as fases de minha vida. Até minha viuvez é tranqüila” (Bisavó institucionalizada, 81 anos).

Significado de família: no grupo das bisavós não institucionalizadas o significado de família foi predominantemente positivo: *“Família é o fundamento de tudo. Uma família que não seja estruturada não dá bons frutos”*. (Bisavó não institucionalizada, 78 anos).

“A família é tudo. Ela é fundamental porque é pela família que se faz a humanidade” (Bisavó não institucionalizada, 73 anos).

No grupo das institucionalizadas, por conta das mágoas e dificuldades com os familiares, o significado de família foi menos favorável para algumas. Pode-se perceber, porém, o desejo de estar mais perto dela:

“É muito importante na vida da pessoa. Seria ótimo que houvesse união, compreensão. Seria ótimo que eu morasse com eles, mas Deus me deu forças para eu ir levando” (Bisavó institucionalizada, 85 anos).

“Ter família é muito bom, mas é melhor quando todos vivem juntos” (Bisavó institucionalizada, 86 anos).

Discussão dos dados

Acerca do significado do papel e dos sentimentos experimentados houve unanimidade na expressão de sentimentos positivos, destacando-se a longevidade e o prazer, bem como os sentimentos de alegria e orgulho, os quais corroboram os resultados das pesquisas realizadas por Doka e Mertz (1988) e Wentoswki (1985). Numa pesquisa realizada no Brasil, com avós de ambos os sexos, o papel também foi visto de forma bastante positiva por eles (SILVA; DIAS, 1999).

No que se refere às diferenças entre os papéis de mãe e avó, algumas bisavós assinalaram que devem existir limites entre os dois papéis, cabendo à avó ajudar quando for preciso, embora várias tenham dito que não viam diferença entre os dois. No entanto, em pesquisa realizada com avós (SILVA; DIAS, op. cit.), as mulheres assinalaram que “os avós têm mais paciência do que com os filhos”, enquanto os homens destacaram que “os avós têm menos responsabilidade que os pais”. Quanto aos papéis de avó e bisavó, quase todas disseram não haver diferenças entre ambos, o que condiz com os resultados encontrados na pesquisa realizada por Wentowski (1985), na qual as bisavós assinalaram que seu papel “era igual ao de avó”. Também confirma a afirmação de Moragas (1997) de que os bisavós atuais se assemelham aos avós do passado.

Langer (1990) distinguiu os dois tipos de ajuda que avós e netos podem prestar uns aos outros: a de tipo *expressiva ou emocional* (dar afeto, atenção, conselhos, telefonar, escrever, apoiar) e a *instrumental ou de serviços* (fazer coisas, ajudar financeiramente, levar ao médico). É importante assinalar que, possivelmente, as bisavós do presente estudo se refiram ao aspecto expressivo/emocional do papel quando o igualam ao de avó, uma vez que sabem

das limitações físicas que dificultam um maior contato com os bisnetos e as impedem de fazer coisas por eles. Daí muitas se terem referido às orações, às conversas e aos conselhos como formas de ajudar à família. O aspecto da religiosidade, que impregnou várias entrevistas, corrobora a pesquisa, realizada com indivíduos adultos, por Goldstein e Néri (1993), que encontraram um aumento da religiosidade com a idade. Esse aumento foi atribuído ao amadurecimento pessoal. As autoras questionam se o aumento da religiosidade não seria uma forma de lidar com o estresse ligado às pressões objetivas e subjetivas ocasionadas pela velhice.

No que tange à percepção do relacionamento com os familiares, a maioria das bisavós referiu ter um bom relacionamento com os mesmos, mas sabemos que existem as especificidades de cada um, os fatos que são escondidos pelos familiares para não preocupá-las, como bem assinalou uma, as alianças e as preferências existentes de ambas as partes. De uma maneira geral, elas parecem satisfeitas com as famílias que construíram, embora, no grupo das institucionalizadas, tenha havido mais queixas no que se refere a conflitos e distanciamento dos familiares.

As atividades são os meios pelos quais avós e netos mantêm conexões. Elas servem como veículo de expressão de afetividade, agindo de uma forma que um toma conhecimentos sobre o outro (KENNEDY, 1992). Além das limitações por conta da idade, as bisavós assinalaram a distância geográfica, as dificuldades econômicas e as dificuldades de relacionamento como os motivos que dificultam o contato com os bisnetos. Apesar disso, algumas realizam atividades e se fazem presentes na vida dos bisnetos, o que é propiciado pelas segunda e terceira gerações.

Em decorrência do que foi exposto, a frequência de contato com os bisnetos ficou prejudicada para algumas, especialmente no grupo de bisavós institucionalizadas, embora a maioria tenha dito que os familiares sempre levam os bisnetos para elas verem. Esse aspecto corrobora o que foi encontrado por Doka e Mertz (1988) e Wentowski (1985) no sentido de que a mediação das gerações intermediárias é crucial para o estabelecimento da relação entre os bisavós e os bisnetos. Da mesma forma, em pesquisa anterior (DIAS; SILVA, 2001), a mediação dos pais foi considerada como facilitadora do contato entre avós e netos adolescentes.

Acerca das mudanças ocorridas ao longo do tempo, foi surpreendente notar como as bisavós enfrentaram com resignação e, até mesmo, com sabedoria e bom-humor, os obstáculos. Através de suas falas, pode-se perceber que algumas vivenciaram perdas (de marido, filhos e até neto), situação econômica difícil, separações (sua e de filhos), assim como mágoa pela institucionalização e pelo abandono, além de outras situações, mas, mesmo assim, elas as enfrentaram sabiamente. Algumas fizeram críticas ao momento atual, o que pode ser entendido como uma forma de manterem estável seu meio vital adotando essa tendência ao conservadorismo (LEGER; TESSIER; MOUTY, 1994). Em geral, apesar das críticas, pode-se afirmar que elas se adaptaram bem às mudanças. Este achado vem confirmar o pensamento de estudiosos da velhice que afirmam ser essa uma etapa do processo adaptativo do indivíduo, ao contrário de outros que a vêem como uma fase de perdas e de crise de identidade (OLIVEIRA; PASIAN; JACQUEMIN, 2001). Ele também corrobora o obtido por Doka e Mertz (1988), que encontraram uma boa adaptação nos bisavós pesquisados, os quais procuraram realizar mudanças e fazer o que lhes foi possível.

Finalmente, acerca do significado de família, para a maioria, corroborando o que elas disseram acerca do

relacionamento com os familiares, o significado foi positivo. Essa conclusão também foi levantada por Wentowski (1985) ao afirmar que os laços fortes desenvolvidos nas famílias de origem continuam a ser o ponto de referência para as bisavós.

Considerações finais

Frente aos dados obtidos, pode-se concluir que o significado e os sentimentos experimentados pelas bisavós foram positivos, embora a frequência de contato com os bisnetos dependa da mediação das gerações intermediárias. O relacionamento com os familiares, para a maioria, também foi considerado satisfatório, apesar da existência de preferências, situações que são escondidas para não preocupá-las e das dificuldades com um ou outro membro da família.

A religião aparece como uma forte motivação para o enfrentamento das dificuldades encontradas, bem como no apoio e orientação aos familiares.

O grupo de bisavós institucionalizadas, de maneira geral, mostrou-se menos envolvido com os bisnetos e apresentou mais sentimentos negativos em relação aos familiares, o que pode ser devido a fatores como distância geográfica, situação econômica e dificuldades de relacionamento com os mesmos. Esses dados chamam a atenção para a necessidade de um trabalho interventivo com essas famílias, no sentido de favorecer um melhor relacionamento entre elas, para que a vida dessas idosas seja mais satisfatória do que tem sido para algumas delas.

São diversas as variáveis que interferem no relacionamento entre as bisavós e os bisnetos; o presente estudo explorou apenas algumas delas. Há necessidade, portanto, de mais pesquisas, que aprofundem o que foi encontrado ou explorem outras dimensões acerca dessa

rica e surpreendente etapa do desenvolvimento humano, uma vez que existe a possibilidade de uma frequência, cada vez maior, dessa população na nossa sociedade.

Referências

ARAÚJO, M. R. G. L.; SILVA, D. V.; DIAS, C. M. S. B. A figura dos avós nos âmbitos psicossocial e familiar. **Mente Social**, 4 (2), 23-33, 1998.

ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, 7 (1), 91-101, 2002.

ATALLA, M. M. A. **Netos, o olhar das avós**: vivências de avós que cuidam de seus netos. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, USP, São Paulo, 1996.

BARROS, M. L. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

DIAS, C. M. S. B. **Interação familiar**: a influência dos avós na família nuclear. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, UNB, Brasília, 1983.

DIAS, C. M. S. B. A influência dos avós nas dimensões familiares e social. **Revista Symposium**, Ano 6, nos 1/2, 34-38, 2002.

DIAS, C. M. S. B. Os filhos e a separação conjugal: o papel dos avós. **Educação & Família**, Edição 3, Ano 1, 50-52, 2003.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V.; DIAS, M. R. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes. **Mente Social**, 5 (1 e 2), 89-117, 1999.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. FERES-CARNEIRO (Org). **Casal e família**, entre a tradição e a transformação. (p. 118-149). Rio de Janeiro: Nau, 1999.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. In: T. FÉRES-CARNEIRO (Org). **Casamento e família**, do social à clínica (p. 53-66). Rio de Janeiro: Nau, 2001.

DIAS, C. M. S. B.; VIANA, M. L. C. L.; ARAÚJO, F. L. A auto-percepção das avós precoces. In: T. FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Família e casal**, arranjos e demandas contemporâneas (p. 119-140). São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, 8 – Número Especial, 55-62, 2003.

DOKA, K. J.; MERTZ, M. E. The meaning and significance of great-grandparenthood. **The Gerontologist**, 28(2), 192-197, 1988.

GOLDSTEIN, L. L.; NÉRI, A. L. Tudo bem, graças a Deus: satisfação e realização na maturidade e na velhice. In: A L. NÉRI (org). **Qualidade de vida e idade madura** (109-136). Campinas: Papirus, 1993.

HAGESTAD, G. Able elderly in the family context: changes, chances and challenges. **The Gerontologist**, 27(4), 417-

422, 1987.

KENNEDY, G. Shared activities of grandparents and grandchildren. **Psychological Reports**, 70, 211-227, 1992.

LANGER, N. Grandparents and adult grandchildren: what do they do for one another? **International Journal of Aging and Human Development**, 31(2), 101-110, 1990.

LÉGER, J. M.; TESSIER, J. E.; MUTY, M. D. **Psicopatologia do envelhecimento**: assistência ao idoso. Rio de Janeiro: Vozes.

MORAGAS, R. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

OLIVEIRA, P. **Vidas compartilhadas**: o universo cultural na relação entre avós e netos. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, USP, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, E. A.; PASIAN, S. R.; JACQUEMIN, A. A vivência afetiva em idosos. **Psicologia: ciência e profissão**, 21(1), 68-83, 2001.

PEIXOTO, C. E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In C. E. PEIXOTO, F. SINGLY, E V. CICCHELLI (Org). **Família e individualização** (p. 95-111). Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SILVA, N. P.; DIAS, C. M. S. B. Avôs e avós: percepção do papel. **Revista Symposium**, Nova Fase, Ano 3, Número especial Psicologia, 51-67, 1999.

WENTOWSKI, G. J. Older women's perceptions of great-grandmotherhood; a research note. **The Gerontologist**, 25 (6), 593-596, 1985.